

Heritage at Risk

Márcio Carvalho

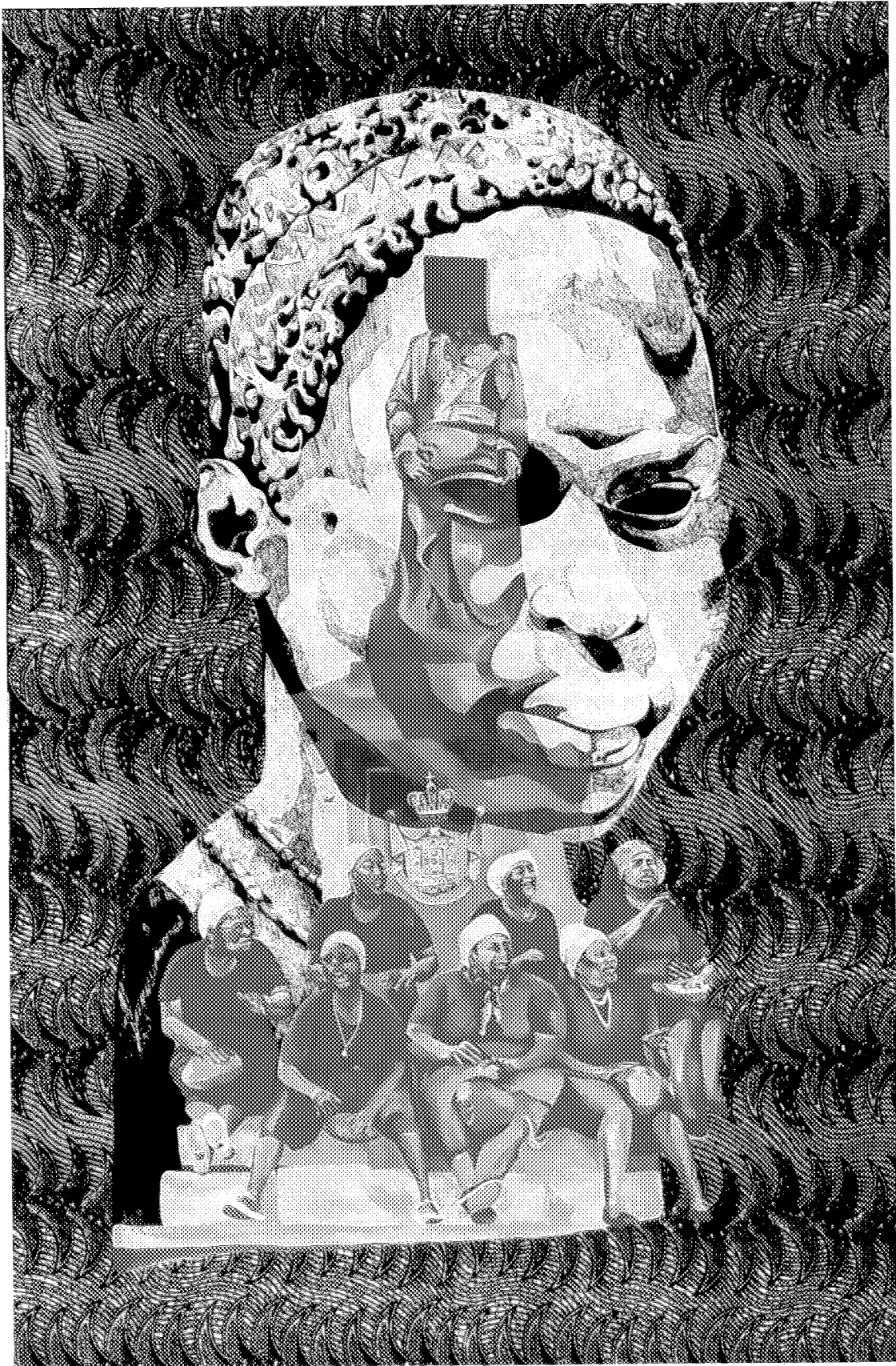
15.06. – 20.07.2023

Márcio de Carvalho é um artista visual, performer e curador português, residente entre Lisboa e Berlim. As suas raízes remontam a Angola, a uma família multirracial e multicultural constituída em tempos coloniais. É a partir dessa experiência alheia, mas íntima, da sua herança, mediada por histórias, imagens e mitos que lhe foram transmitidos e marcada pela sua contemporaneidade, que Márcio de Carvalho questiona as marcas do passado no nosso presente europeu ao longo da sua obra multiforme.

Na obra de Márcio de Carvalho, a história oficial, com toda a sua mitologia, entra em confronto com as histórias familiares; os mecanismos mais inesperados de desmistificação dessa longa narrativa nacional, na sua forma memorialística e na sua morfologia, são ativados e tudo é colocado sob suspeita. Nesse sentido, o espaço do arquivo e o espaço público europeu, em particular na sua monumentalidade expressa em edifícios e estátuas comemorativas, são objeto da intervenção do artista. Através do desenho, da performance, da fotografia, do vídeo, o ritmo impresso nesta intervenção é o do confronto das narrativas hegemónicas, mediante uma ironia conduzida pelo sentido ético do presente, ou seja, pela preocupação de, com esta intervenção no presente, contribuir para que o que causou discriminação, racismo, sofrimento, se não repita, sob novas e velhas formas. Qual é então a pergunta da geração que o artista representa no seu trabalho? Analiticamente simples, politicamente complicada: o que é que aconteceu? Sem culpa nem orgulho, o artista situa-se no espaço da contemporaneidade sob o signo da reinterrogação, da renomeação e da criação de comunidade.

Na presente exposição de Márcio de Carvalho, o ponto de partida desta revisitação contemporânea do Portugal colonial é 1940 e a exposição do Mundo Português. A Europa em guerra. Portugal, um “oásis de paz” nas palavras do ditador Salazar, e posteriormente reafirmadas pelo seu seguidor Marcelo Caetano já em plena Guerra Colonial. Na exposição de 1940, celebra-se a fundação do país, 1140, a Restauração da independência, em 1640, após 60 anos de domínio espanhol, e 1940, o império e o ditador, o continuador da narrativa nacional gloriosa e o garante da independência, da paz e do império. Nas palavras de António Ferro, “O que vamos festejar, não é, portanto, apenas, o Portugal de ontem, mas o de hoje, não apenas o Portugal de D. Afonso Henriques e de D. João IV, mas o Portugal de Carmona e de Salazar.” (Ferro, 1938: 1)

As coordenadas simbólicas desta imagem-demonstração da “civilização portuguesa e da sua projeção universal” passada e presente, foram encontradas nos terrenos de Belém, com o Mosteiro dos Jerónimos ao fundo e o rio Tejo como horizonte. Entre eles, a Praça do Império, de onde emergia uma história nacional narrada em imagens, textos e presenças institucionais em que os grandes momentos históricos privilegiados surgiam ligados a imagens de excepcionalidade, de milagre e de sagrado, conferindo a Portugal o estatuto de uma nação eleita e aos protagonistas dos acontecimentos, o de heróis. A linguagem que define tudo isto, desproporcionadamente grandiosa em relação aos factos, refere-se não à realidade, mas à imagem criada e representada no país mítico apresentado na Exposição do Mundo Português, em que o centro do mundo e o centro do mundo português coincidem. Mas, por mais que se imaginasse o país na sua totalidade imperial, “Do Minho a Timor”, Portugal nunca deixaria de ser um país em diminutivo, como mais tarde o definiria o verbo poético de Alexandre O’Neill, mais



Márcio Carvalho

Memórias para 14 bustos, 2023

Desenho, micro pigmento e acrílico sobre capulana

180 x 120 cm

próximo, de facto, do “Portugal dos Pequenitos”, que, no mesmo ano de 1940, se inaugurava, em Coimbra, para “contar” Portugal às crianças, que eram todos os portugueses. Fórmulas como um “Portugal Maior”, um “Portugal Além da Europa” ou “Portugal não é um país pequeno”, não apagavam o “paraíso triste”, que o escritor francês Antoine de Saint-Exupéry identificou na Lisboa dos anos 40.

Como era habitual na época, os países imperiais traziam o império à Europa que o ia ver nos zos humanos, onde os povos colonizados eram exibidos em aldeias refeitas no Jardim do Ultramar que fazia parte do complexo desta exposição. À época, por toda a Europa, o sucesso destes zos humanos era espantoso, com milhares de visitantes curiosos e orgulhosos e sem se interrogarem sobre o que viam. Mas quem eram estas pessoas exibidas? Como se chamavam? Como vieram para ali? O que é que lhes aconteceu?

Hoje, o espaço do Jardim Tropical em Belém, regista as marcas desta presença através de bustos de homens e mulheres negras e asiáticos que espreitam na paisagem. Concebidos pela escultura da época, pretendiam representar as “espécies provenientes das colónias” e adornar o zoo humano que ali teve lugar, como parte da glorificação da *fantasia lusitana* que naquela exposição se construía e que, em 2010, o realizador João Canijo iria questionar no filme *Fantasia Lusitana*.

A partir de desenhos, Márcio de Carvalho atribui uma identidade e um nome a cada um destes bustos e, assim, uma história de resistência emerge.

Nos seus desenhos impressos a marca de água, encontramos um nome de uma mulher ou de um homem que lutou contra o colonialismo e a opressão política e íntima que este sistema representava: Patrice Lumumba, Dandara dos Palmares, Josina Mutemba, entre outros, desfilam diante de nós, provocando-nos e interrogando-nos sobre a violência da não nomeação e a importância do gesto político, ético e estético do artista. A metáfora que subjaz a esta luta pela dignidade e pelo reconhecimento é a do desporto, da disputa entre adversários que, mediante determinadas regras, lutam, se afirmam e se cumprimentam. É um gesto de disputa pela civilização, pela condição humana, que reconhece um passado de opressão e, deste modo, investe num outro futuro.

De seguida encontramos outros desenhos de grande escala feitos sobre capulanas, o pano-história das comunidades moçambicanas, como o pano-pente da Guiné-Bissau.

Na tessitura destes panos, do direito e do avesso, estão inscritas outras narrativas protagonizadas por outros sujeitos etno-culturais, narrativas que no trabalho de Márcio de Carvalho ganham o rosto de sujeitos do presente através da representação de comunidades pintadas a azul-cobalto, piscando o olho à azulejaria portuguesa, outra forma de, pela arte, inscrever outras histórias na história e na paisagem pública. Sobre uma destas capulanas que, na parte superior, nos apresenta um busto que hoje encontramos no Jardim Tropical vemos batucadeiras cabo-verdianas, mulheres habitantes dos bairros periféricos de Lisboa. Como referem Maria Paula Meneses e Signe Arnfred a capulana identifica mulheres, no caso em estudo no artigo, “mulheres moçambicanas de diversas maneiras”. Cobre o corpo das mulheres no quotidiano ou em festa, pelas suas cores preenche paisagens, ruas e cidades, mas as capulanas também carregam bebés, velam pela maternidade, transportam colheitas, pertences, vida, mas também a morte. Para além das suas funções práticas, as capulanas são um arquivo das várias nações moçambicanas, marcadas pelas viagens do próprio tecido trazido há séculos para as costas moçambicanas por comerciantes asiáticos. O que leva então um artista português a utilizar este pano tão carregado de simbolismo e resiliência feminina e, por camadas, colocar sobre ele imagens que dialogam entre si? Mostrar-nos a potência desta outra história, escrita de outra forma e por outros sujeitos e depositada noutros arquivos. Falar-nos visualmente dos estratos da história, para que possamos começar a contá-la outra vez, inscrevendo na história da Europa outros sujeitos, outras memórias, outras histórias que não são monumentalmente recordadas no espaço público, mas que enformam o nosso presente europeu pós-colonial.

Dizer-nos visualmente, enquanto portugueses e europeus, como aliás cedo intuiu Eduardo Lourenço nos seus ensaios, que somos os portugueses que hoje somos, porque fomos brasileiros, e acrescentaria eu, somos os portugueses que hoje somos porque fomos angolanos, moçambicanos, cabo-verdianos, são-tomenses, guineenses, macaenses, timorenses. Em suma, Márcio de Carvalho mostra-nos o mundo que criou o português, as feridas que deixou e as possibilidades do seu futuro, marcado certamente pelo labirinto do ressentimento da história e o pelo fascínio do amanhã.

Por fim, duas 2 imagens de grandes dimensões, a preto e branco, coladas em duas das paredes exigem-nos uma mudança da escala do olhar. Numa visualizamos o zoo humano que foi construído na exposição universal portuguesa referida; noutra, o ditador Salazar contracena com as batucadeiras de Cabo Verde em primeiro plano.

Resumindo, uma provocação para repensar criticamente o tempo pós-colonial que vivemos a partir da possibilidade da construção de comunidade sobre as feridas da história. A memória como um espaço de construção da Europa, da democracia e do futuro. A responsabilidade histórica e a compaixão como valores de construção da comunidade futura.

Margarida Calafate Ribeiro, 12 de Junho de 2023

Bibliografia:

Arnfred, Signe; Meneses, Maria Paula (2018), “Mozambican Capulanas: Tracing Histories and Memories”, in Sheila Pereira Khan; Maria Paula Meneses; Bjørn Enge Bertelsen (orgs.), *Mozambique on the Move*. Leiden: Brill, 186-210.

Ferro, António (1938), “Carta Aberta aos Portugueses de 1940”, *Diário de Notícias*, 17 de Junho, p. 1.

Lourenço, Eduardo (2014), *O Colonialismo como Nosso Impensado*, Lisboa: Gradiva, pp. 343-346.

Ribeiro, Margarida Calafate (2004), *Uma História de Regressos – Império, Guerra Colonial e Pós-colonialismo*, Porto: Afrontamento.